

O Jornal do Agronegócio Brasileiro. Agricultura, Pecuária, Meio Ambiente, Indústria, Energia e Turismo

UE RECONHECE BRASIL COMO LIVRE DE GRIPE AVIÁRIA E LIBERA EXPORTAÇÃO

A União Europeia reconheceu oficialmente o Brasil como país livre de gripe aviária, liberando a retomada gradual das exportações de carne de frango aos Estados-membros. A decisão, anunciada pelo comissário Olivér Várhelyi após novas informações do Mapa, confirma a robustez do sistema sanitário brasileiro e abre caminho para ampliar o comércio, com negociações sobre pre-listing e retirada do controle reforçado. *Página 14.*

ROTA BIOCEÂNICA GANHA FORÇA NA EXPORTAÇÃO DE MS

As exportações de Mato Grosso do Sul alcançaram US\$ 7,24 bilhões entre janeiro e agosto de 2025, um crescimento de 3,26% em relação ao mesmo período do ano anterior. Os dados, da Carta de Conjuntura do Comércio Exterior da Semadesc, mostram um saldo de US\$ 5,53 bilhões na balança comercial, volume 8,4% superior ao registrado em 2024. *Página 17.*



Imagem gerada por IA: Google Image Ultra 4



GRÃOS, CARNE E BIOENERGIA: A NOVA SINERGIA DO AGRO

Cadeias produtivas se complementam em um ciclo virtuoso. Coprodutos do etanol de grãos viram componentes de alta qualidade para ração enquanto o biodiesel une soja e sebo bovino em uma mesma indústria.

O que parecia improvável há uma década, hoje é realidade no campo. A produção de etanol a partir de milho e sorgo gera o DDG, um coproduto rico em proteína e

energia que se tornou peça-chave na dieta de bovinos confinados em Mato Grosso do Sul, otimizando a produção de carne. Essa integração se estende à indústria de biodiesel, que tem na soja sua principal matéria-prima, mas também utiliza o

sebo bovino, transformando um resíduo da pecuária em combustível. Essa união estratégica entre os setores fortalece toda a cadeia, gera novas receitas para o produtor e consolida um modelo de economia circular no agronegócio brasileiro.

Continua nas páginas 3, 4 e 5.

MILHO EM MS: PROJEÇÃO DE SAFRA SALTA PARA 14,2 MILHÕES DE TON.

Páginas 8.

NOVA LEI CRIA SELO “PANTANAL SUSTENTÁVEL” E VALORIZA PRODUÇÃO

Páginas 16.

TARIFAS DE TRUMP NA CARNE BOVINA DESAFIAM COMPETITIVIDADE DO BRASIL

Tarifas de até 50% impostas pelos EUA à carne bovina brasileira reacendem alerta no agro, podendo afetar a competitividade e o mercado.

A decisão do governo dos Estados Unidos de impor tarifas de até 50% sobre produtos importados, incluindo a carne bovina brasileira, gerou preocupação no setor agropecuário nacional. A medida pode alterar a dinâmica do comércio internacional e pressionar a competitividade do Brasil, segundo análise da JPA Agro, marketplace do setor.

“Tarifa é imposto, e imposto é preço alto. Não existe almoço grátis na economia. Quando se cria uma barreira como essa, cedo ou tarde ela se reflete no preço final”, afirma Leandro Avelar, CEO da JPA Agro. O impacto direto ao consumidor ame-

ricano tende a ser limitado, já que a carne bovina representa apenas 0,5% do Índice de Preços ao Consumidor (CPI) nos EUA. Nos últimos 12 meses, o preço da carne subiu 7,2% no país, e especialistas projetam alta de até 20% até 2026.

No Brasil, a carne bovina tem peso de 3,5% no Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) e compromete mais de 5% da renda mensal das famílias, o que mostra como o efeito inflacionário é sentido de forma mais intensa.

Para o Brasil, maior exportador global de carne bovina, a sobretaxa pode significar perda de participação de mercado frente a concorrentes como Austrália e Argentina. Além do risco comercial, especialistas ressaltam a importância da diplomacia e da separação entre disputas políticas e pauta econômica, já que os EUA são o segundo maior cliente do país.

A JPA Agro defende que o Brasil precisa atacar gargalos internos para ampliar sua competitividade. Entre os desafios estão a



Foto: Pixabay

alta carga tributária, a legislação trabalhista e a infraestrutura logística.

Pequenas e médias exportadoras, que dependem fortemente do mercado americano, podem sentir os efeitos mais imediatos das tarifas.

“Se o aumento de preços não cair no inconsciente popular americano, dificil-

mente haverá pressão política para mudar. Ao contrário, se a carne passar a ser vista como ‘cara demais’ e esse discurso ganhar corpo, a tarifa pode entrar no centro do debate e abrir caminho para negociações. Até lá, o Brasil precisa se preparar e reforçar sua competitividade”, conclui o CEO da JPA Agro.

Agroin[®]
comunicação
JORNAL AGROIN AGRONEGÓCIOS
Circulação Nacional

ANO XVIII - Nº 253
8 de setembro de 2025

Diretor:
WISLEY TORALES
wisley@agroin.com.br - 67 9.9974-6911

Jornalista Responsável:
WISLEY TORALES / DREMS 2254
wisley@agroin.com.br

Direto à Redação:
SUGESTÕES DE PAUTA
agroin@agroin.com.br - wisley@agroin.com.br

O Jornal Agroin Agronegócios é uma publicação de responsabilidade da Agroin Comunicação.

Tiragem:
--- 100% DIGITAL ---
Versão Digital: 110.892 e-mails válidos

Redação, Publicidade e Assinaturas
Rua Ana Paula Fernandes, 471,
Jardim Itatiaia, CEP 79042-130
Campo Grande-MS
Fone: (67) 3382-1739
wisley@agroin.com.br
www.agroin.com.br

AGROIN COMUNICAÇÃO
Não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas entrevistas ou matérias assinadas.

PECUÁRIA LEITEIRA
PASSO A PASSO
PARA INICIAR
NA ATIVIDADE



INTEGRAÇÃO AGROINDUSTRIAL

GRÃOS, CARNE E BIOCOMBUSTÍVEIS: AULA DE SINERGIA

Graças a processos agroindustriais, cadeias produtivas se complementam e formam vínculos inusitados como etanol/boi, capim/soja e biodiesel/carne. Em Mato Grosso do Sul, o DDG, coproduto do etanol de grãos, é disputado a tapas por pecuaristas.

ARIOSTO MESQUITA
de Campo Grande, MS
ariostomesquita@gmail.com

É fato que os segmentos agroindustriais da carne, de grãos e de biocombustíveis (bioenergia) há bom tempo são protagonistas no âmbito da economia brasileira. O que poucos imaginariam uma década atrás, é o quanto estas cadeias produtivas se tornariam interdependentes, sinérgicas e colaborativas ao final do primeiro quarto do século XXI. Mas qual ligação pode existir entre a carne bovina, o milho e o etanol, por exemplo?

Simples: Em 2025, mais de um quarto da produção do biocombustível no Brasil

deve ajudar a engordar até 8 milhões de bovinos. Calma: não se trata de um “boi etílico”, afinal nessa relação o animal não vai beber álcool. Esta fatia de mercado se refere à produção de etanol a partir do milho, cujo processo industrial gera o coproduto DDG (grãos secos de destilaria – do inglês Dried Distillers Grains), este sim uma verdadeira preciosidade na nutrição de bovinos de corte (também de suínos e aves), disputado a tapas por confinadores de norte a sul do país. Isso mesmo: de Rondônia ao Paraná, pecuaristas já estão utilizando o DDG para compor uma média de 30% da dieta de cocho dos animais.

Em Mato Grosso do Sul, o insumo tor-

nou-se uma verdadeira febre, sobretudo para quem finaliza animais em confinamento ou em TIP (terminação intensiva a pasto). De todo o milho processado, em média, um terço se torna DDG ou metade vira WDG (versão úmida do coproduto). Carregando alta carga proteica e energética, este coproduto da indústria do etanol ajuda a manter a margem do confinador, a escala industrial e colabora com a eficiência na produção de carne.

Considerando apenas o exposto acima, já está desenhada a ligação entre grãos (cereais) carne (boi) e o processo de produção de bioenergia (DDG). Cabem aqui os devidos créditos: Essa projeção é da União Nacional

do Etanol de Milho (UNEM), considerando uma produção de 10 milhões de litros a partir do grão. Já o volume de bovinos se refere à prévia do Censo de Confinamento 2025 DSM-Firmenich, divulgada pelo grupo holandês no último mês de junho.

Parou por aí? Longe disso. As inovações e os alinhamentos produtivos estão em uma dinâmica tão acelerada que algo que, aparentemente é novo, pode se tornar superável ou genericamente redenominado em questão de meses. Atualmente, a expressão “etanol de milho” ainda é a mais utilizada, mas alguns setores preferem cunhar como “etanol de cereais” ou “etanol de grãos”, uma vez que outras matérias primas além do milho (e da cana-de-açúcar) estão sendo utilizadas pela indústria brasileira para a produção do biocombustível.

Continua...



TRIGO E SORGO

No sul do País, por exemplo, a CB Bioenergia, investiu cerca de R\$ 100 milhões na construção de uma indústria de etanol de trigo em Santiago (RS), com capacidade inicial para entregar 34 milhões de litros/ano do combustível hidratado. A ideia é não desperdiçar nada. A indústria pretende usar o álcool neutro obtido no processamento para o segmento de perfumes e bebidas. Demais resíduos devem ser destinados para a indústria de pratos biodegradáveis (sólidos) e fertilizantes (líquidos). A inauguração está prevista para este ano.

É bom lembrar que o RS fica distante das regiões onde se concentra o maior volume de produção de etanol no país, o que tende a encarecer o frete para atender

a demanda nos postos. Na semana de 24 a 30 de agosto deste ano, enquanto o preço médio de revenda era de R\$ 3,86/litro em Mato Grosso do Sul (o menor do País), o Rio Grande do Sul registrava a média de R\$ 4,73/litro nas bombas. Os números são da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

Mas em nível Brasil, quem se candidata como alternativa ao milho é o sorgo granífero. Por ser mais rústico, suportar melhor o estresse hídrico e deter uma janela de cultivo mais estendida, vem sendo opção como cultivo em áreas onde seu “primo” corre mais riscos, sobretudo em anos com períodos de seca mais estendidos. De acordo com o IBGE, a previsão é de colheita recorde de sorgo no Brasil. A safra 2025, de acordo com o Instituto, baterá a casa de



Indústria da Inpasa em Sidrolândia (MS): usando milho e sorgo como matéria prima, unidade pode entregar anualmente até 800 milhões de litros de etanol e 480 mil toneladas de DDG

4,9 milhões de toneladas, 23,6% superior ao obtido em 2024. Assim como o milho, ele também entrega os coprodutos DDG e WDG que, segundo especialistas, são bem semelhantes em qualidade.

Além de insumos valorizados para as dietas do “boi de cocho” (confinados, semiconfinados ou em TIP) os dois cereais têm histórico de boas respostas em plantios consorciados com gramíneas, sobretudo na segunda safra no Brasil Central. Após a colheita, deixam considerável volume de palhada visando o plantio direto da safra de verão seguinte ou, antes disso, oferecem um providencial pasto de inverno para o boi de terceira safra.

Mas é a demanda da indústria de etanol que parece ter contagiado produtores. Em novembro de 2023, a Inpasa, originária do Paraguai e que se autointitula pioneira em processamento 100% de milho na América do Sul (com unidades no país vizinho e no Brasil), anunciou que iniciava as negociações para a aquisição antecipada de sorgo em Mato Grosso do Sul visando a safra 2024/2025.

A previsão de recebimento seria a partir de julho/2024 em suas indústrias em Dourados e Sidrolândia. “Isso está gerando um alvoroço nas empresas de semente do cereal, justamente por trazer uma previsibilidade de demanda ao mercado”, comentou, à época, o presidente da União Nacional do Etanol de Milho (UNEM), Guilherme Nolasco. Não deu outra: Números do IBGE apontam que em 2025 a área de segunda safra cultivada com sorgo em MS totalizou 110 mil hectares (ha), representando um avanço de 32% em relação à safrinha 2024. No espaço de apenas um ano, a produção aumentou 77%,

atingindo 364 mil toneladas (t).

Contudo, a ofensiva não é pequena. Em 2024, a empresa firmou um acordo de cooperação técnica com a Embrapa (unidade “Milho e Sorgo”, de Sete Lagoas, MG) denominado “Transferência de tecnologia para o desenvolvimento sustentável da produção de sorgo nas regiões de Balsas/MA e Sidrolândia/MS, visando a produção de etanol e seus coprodutos”. No dia 6 de junho de 2025 a parceria viabilizou o 1º Dia de Campo do Sorgo, realizado na Fazenda Pontinha, em Bandeirantes (MS). Em agosto, o engenheiro agrônomo da Embrapa, Frederico Botelho, revelou que a indústria já estava “fazendo negócios para esta e para as próximas safras”, se referindo à aquisição deste cereal junto aos produtores rurais.

A informação foi confirmada pela empresa. “Este é o primeiro ano em que intensificamos a compra de sorgo, com a perspectiva de utilizar cerca de 120 mil toneladas já na safra 2025. No médio prazo, entre três e cinco anos, projetamos um consumo anual em torno de 500 mil toneladas. Nossa predisposição, olhando adiante, é alcançar até 1 milhão de toneladas por ano”, revela o vice-presidente de Negócios e Originação da Inpasa, Flávio Peruzo, se referindo apenas à unidade industrial de Sidrolândia (MS). Levando em consideração a projeção do IBGE para este ano – colheita de 364 mil toneladas de sorgo granífero em MS – só as compras da Inpasa, para uma única indústria, consumiriam um terço (33%) de toda a produção sul-mato-grossense.

Só a planta de Sidrolândia, segundo a empresa, tem hoje capacidade produtiva anual de 800 milhões de litros de etanol, 480 mil toneladas de DDG, 46 mil toneladas de óleo de cereais e 465 gigawatts-hora de energia elétrica renovável.

A Associação dos Produtores de Bioe-



Sorgo: previsão é de que um terço da produção sul-mato-grossense em 2025 se torne etanol (biocombustível) e DDG (insumo pecuário)



nergia de MS (Biosul) revelou ao Agroin que, dentre as indústrias associadas, a Inpasa seria a única a usar o sorgo como matéria prima “em fase inicial, voltada a ajustes”, mas ainda não contabiliza números de processamento industrial com a utilização matéria prima. Sua assessoria de imprensa,

informa que “não há registro oficial de produção de etanol a partir do sorgo em MS até o momento (04.09.2025)”. De acordo com dados atribuídos à entidade, o etanol de grãos representa 37% do biocombustível produzido em Mato Grosso do Sul, que na safra 2024/2025, atingiu 4,2 bilhões de litros.

PRODUTOR ATENTO

Experiente na adoção de ferramentas, modelos e insumos focados em uma produção sustentável e no enriquecimento biológico do solo, o pecuarista Rogério Zart também é atento ao mercado. Tanto é que incluiu o sorgo no seu modelo produtivo na expectativa (concretizada) de negociar

com a Inpasa.

Dono da Fazenda Ponche Verde, em Ribas do Rio Pardo (MS), onde faz bovinocultura de corte a pasto com práticas de pastejo ultradensso, ele resolveu arrendar uma área próxima à sua para tocar lavoura. Dessa forma ele faz um link com os três componentes da sinergia: carne, grãos e bioenergia.

“Depois da soja eu entrava com planta de cobertura, geralmente crotalária. Agora, em 2025, resolvi separar 60 hectares para cultivar sorgo granífero consorciado com capim na segunda safra”, conta o produtor que é adepto da agricultura regenerativa, usando, dentre outras coisas, remineralizadores e fosfato reativo.

“Colhi com uma produtividade na casa de 45 scs/ha, e comercializei com a indústria, recebendo R\$ 44,00 por saca. Poderia ter obtido mais volume, porém houve muita competição da braquiária. Não suprimi o capim pois tinha interesse na formação de palhada”, justifica o produtor que pretende ampliar a dose em 2026: “vou cultivar sorgo em todos os 400 hectares do arrendamento”.

Em 2025 Rogério Zart cultivou 60 ha de sorgo, colheu e vendeu para a indústria de etanol. Em 2026 serão 400 ha



Fotos: Arioisto Mesquita



Sebo bovino, obtido a partir do processo industrial da carne representa 6% da matéria prima utilizada para a produção de biodiesel no Brasil

INTEGRAÇÃO

Há pelo menos quatro décadas o Brasil começava a adotar conceitos de integração lavoura-pecuária (ILP) e, posteriormente, de integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF), a partir de estudos e práticas propostas por produtores e pesquisadores da Embrapa. Agora já se fala também em integração entre as cadeias, não necessariamente a partir de diferentes produtos obtidos em uma mesma área, mas de sinergia e interligações produtivas e comerciais. Seria o caso, portanto de uma eventual denominação integração lavoura-pecuária-bioenergia (ILPB), compreendidos por alguns, rechaçado por outros.

Esse alinhamento não envolve apenas a indústria do etanol e DDG. O processo de produção do biodiesel brasileiro utiliza fundamentalmente de matérias primas da pecuária e da agricultura. A mais significativa é a soja que, sozinha, responde por originar 74,7% do biodiesel brasileiro (ANP/2024). Motivado por uma mistura obrigatória mais alta do biodiesel ao diesel (subiu de 12% no início de 2024 para 15% a partir de agosto deste ano), o setor comemora.

A consultoria Stonex, em projeção feita ao final de agosto, calculava em 9,8 milhões de metros cúbicos o consumo de biodiesel em 2025, uma alta de 89,9% em relação a 2024. Isso representaria uma demanda na casa de 7,9 milhões de toneladas de óleo de soja apenas para o biodiesel. Segundo a Stonex, isso significa uma alta de 10,3% em relação



DDG em fazenda na região de Rondonópolis (MT): coproduto da indústria de etanol de grãos é precioso para a nutrição de bovinos

ao ano passado e exigiria o esmagamento de 40 milhões/t de grãos da oleaginosa.

O que poucos sabem é o fato de o boi ser a segunda maior fonte de matéria prima processada no País para a obtenção de biodiesel. Em 2024 a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) calculou que 6% de todo esse biocombustível brasileiro vem do sebo bovino ou gordura bovina. O Ministério das Minas e Energia considera, inclusive que, como se trata de resíduo da atividade pecuária, o sebo usado como matéria prima do biodiesel colabora com a redução de impactos ambientais na medida em que deixa de ser descartado no meio ambiente. Portanto, assim como a cadeia do etanol, a indústria do biodiesel se utiliza, impulsiona e ajuda a consolidar a sinergia entre grãos, carne e biocombustíveis.

EMBRAPA: METADE DAS PASTAGENS DO BRASIL TEM ALGUM GRAU DE DEGRADAÇÃO

Fotos: Wisley Iorales / Agroin Comunicação

A degradação de pastagens, que atinge cerca de 50% das áreas no Brasil, causa perdas anuais de R\$ 7 bilhões à pecuária nacional. O problema, causado principalmente pelo manejo inadequado, compromete a produtividade e a sustentabilidade do setor.

A degradação das pastagens é um dos maiores entraves para a pecuária brasileira, gerando perdas anuais estimadas em R\$ 7 bilhões. Segundo a Embrapa, cerca de 50% das áreas de pasto no país apresentam algum grau de deterioração, resultado da queda na produção de carne e leite e dos altos custos para recuperação. O problema afeta não só a rentabilidade do produtor, mas também a imagem do setor perante consumidores atentos às práticas ambientais.

“Essa degradação é caracterizada pela queda progressiva da produtividade, afetando diretamente a capacidade de suporte da área. Ela pode ocorrer em diferentes níveis, começando com a perda de vigor do pasto até a deterioração física do solo,

com erosão”, explica Thiago Neves Teixeira, técnico de sementes da Sementes Oeste Paulista (Soesp).

Entre as principais causas estão o manejo inadequado, a pressão excessiva do pastejo e a ausência de adubação correta, que esgotam a fertilidade do solo e abrem espaço para plantas invasoras. A escolha equivocada da espécie forrageira, o uso de sementes de baixa qualidade e o preparo deficiente do solo também aceleram o processo. Práticas como o uso recorrente do fogo e a incidência de pragas e doenças, como a síndrome da morte do capim-marandu, intensificam os danos.

Os impactos ultrapassam a porteira, causando compactação e erosão do solo, o que prejudica os ciclos hídricos, aumenta o assoreamento de rios e reduz a biodiversidade local. Esse cenário reforça a neces-



sidade de estratégias preventivas, como o ajuste da taxa de lotação, a manutenção da fertilidade do solo e a diversificação de espécies forrageiras.

Para as áreas já comprometidas, existem soluções. “A recuperação direta é indicada para áreas com degradação inicial e inclui controle de invasoras, cor-

reção do solo e adubação. Já a renovação direta envolve preparo completo do solo e replantio, demandando maior investimento. A renovação indireta, por sua vez, integra sistemas como a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), combinando sustentabilidade e produtividade”, finaliza Teixeira.



VÍDEO YOUTUBE:

Vamos falar sobre a posição do Brasil no cenário mundial da carne, o manejo adequado das pastagens, quais as principais pragas que afetam as pastagens, 5 práticas para conservação do solo, rotação de pastagens, taxa de lotação e muito mais!



MATSUDA APRESENTA NOVAS VARIEDADES DE FORRAGEIRAS EM MS

A Matsuda, empresa líder mundial no segmento de sementes de pastagens tropicais, realiza uma série de eventos pelo MS.

A escolha da semente de forrageiras representa cerca de 10% do custo total na instalação de uma pastagem e um ponto de atenção para o produtor que busca eficiência e retorno financeiro mais rápido. A informação foi destacada durante uma série de encontros técnicos promovidos pelo Grupo Matsuda em Mato Grosso do Sul.

Segundo Gilson de Oliveira, engenheiro agrônomo do grupo, o investimento na semente é uma fração do custo total. “Hoje você vai gastar cerca de três mil reais numa reforma de pastagem, sendo que uma faixa de trezentos reais é o que vai ser o custo da semente. É por isso que ela custa dez por cento da reforma do pasto”, explica.

O cálculo considera todas as etapas do processo, como a calagem, correção, mecanização e preparo de solo e plantio. A utilização de uma semente com alta pureza, sanidade, germinação e tratamento pode resultar no estabelecimento da pastagem cerca de 50 dias antes, antecipando a entrada dos animais e, consequentemente, o início do retorno sobre o investimento.

Nos eventos a empresa apresentou ainda



Wagner Granado, representante Matsuda no MS

novas variedades pesquisadas e lançadas recentemente pelo Grupo Matsuda.

Uma delas é o **Mix Cerradão**, mistura de três tipos de braquiária (*Brizantha marandui*, *MG-4* e *MG-13 Braúna*). A combinação é indicada para solos de baixa e médias fertilidades e arenosos como os de Cerrado, atendendo às fases de cria, recria e engorda

com grande versatilidade e cobertura de solo. A estratégia do mix é proporcionar equilíbrio nutricional ao longo do ano, pois cada variedade possui estágios de desenvolvimento distintos. “Uma vai florescer e outra vai estar vegetando”, detalha Oliveira sobre o comportamento das plantas que compõem o **Mix Cerradão**.

Outra novidade é a **MG-19 Oasis**, que se destaca pela baixa lignificação e alta digestibilidade. Comparada a outras opções do mercado, a planta permite que o animal aproveite melhor a matéria seca consumida, convertendo-a de forma mais eficiente em carne ou leite. A produtividade pode chegar a 17 toneladas de matéria seca por hectare/ano, com teor de proteína de 12 a 16%.

LANÇAMENTO FUTURO

A empresa anunciou para 2026 o lançamento do capim **MG-20 Igapó**, um *Panicum maximum* desenvolvido para áreas de alagamento ou com má drenagem de solo. A expectativa é de uma produção de 28 toneladas de matéria seca por hectare/ano com enorme impacto para nosso



Wagner Granado e Gilson de Oliveira

estado, uma vez que teremos um material extremamente produtivo, de grande porte, excelente teor de proteína nas folhas, e que permite ser plantado em área de alagamento com altos teores de fertilidade como as que encontramos aqui no MS, especialmente na região do Nabileque.

Wagner Granado, representante da empresa há 27 anos, aponta que a pesquisa é um diferencial da empresa. “Tudo que a gente conhece como MG, MG-4, MG-5 e demais variedades são resultado de pesquisa própria. MG significa Matsuda Genética, são as variedades que foram desenvolvidas por nós”, afirma.

Comentou ainda sobre a estratégia comercial de realizar eventos menores e mais interativos, que têm gerado mais resultados. Sobre a aquisição de insumos, Granado foi direto: “O pulo do gato da semente é comprar quando não tem ninguém comprando, a tal venda antecipada”.

As negociações para a safra nova já estão ocorrendo, inclusive das novas variedades, tais como o **Mix Cerradão**, **Mg-19 Oásis**, **Mg-12 Paredão** e materiais mais conhecidos, com previsão de entrega das sementes a partir de setembro e outubro, período em que se espera o início das chuvas.

Fotos: Wisley Torales / Agroin Comunicação

SAFRA DE MILHO EM MS PODE ALCANÇAR 14,2 MILHÕES DE TONELADAS EM 2024

A nova projeção para a safra de milho em Mato Grosso do Sul aponta para 14,2 milhões de toneladas, um aumento de 68,2% sobre a safra anterior.

A estimativa da produção de milho em Mato Grosso do Sul apresentou um salto expressivo, com uma projeção de crescimento de 68,2% em relação à safra anterior. Conforme o boletim do Projeto SIGA-MS, divulgado pela Aprosoja/MS no dia 2 de setembro, a produção esperada passou de 10,1 milhões de toneladas para 14,2 milhões de toneladas.

A revisão otimista se baseia principalmente no ganho de produtividade das lavouras. Mesmo com a área cultivada praticamente estável, em 2,1 milhões de hectares, o desempenho médio saltou para 112,7 sacas por hectare. O número representa um avanço de 68,1% em comparação com o ciclo passado.

Esse resultado é atribuído a uma combinação de fatores, incluindo condições climáticas favoráveis em fases críticas do desenvolvimento da cultura, uma janela de plantio considerada adequada e o investimento dos produtores em tecnologia e boas práticas de manejo.

A maior parte da semeadura ocorreu entre fevereiro e março. O período favoreceu o desenvolvimento inicial das plantas, que

se beneficiaram do volume ideal de chuvas registrado em abril. O boletim aponta que 78,1% das lavouras do estado foram classificadas como "boas", 15,3% como "regulares" e apenas 6,6% como "ruins".

Apesar do cenário animador, a colheita ainda não foi finalizada, o que exige cautela. Gabriel Balta, coordenador técnico da Aprosoja/MS, pontua que a análise ainda é preliminar.

"A análise amostral realizada em 10% da área estimada já aponta um aumento expressivo na produtividade. É importante ressaltar, no entanto, que ainda é cedo para uma definição precisa. Restam 20% da área a serem amostrados, o que pode alterar esse panorama", explicou Balta.

O coordenador técnico acrescenta que o sucesso da safra para o agricultor depende de outro fator. "Mais do que a produtividade em si, o que vai realmente determinar os níveis de retorno para o produtor é a relação de troca. Vale destacar que muitos municípios ainda estão abaixo da média estadual nesse quesito", afirmou.

VARIAÇÃO ENTRE OS MUNICÍPIOS - O boletim revela uma grande



diferença de produtividade entre as regiões de Mato Grosso do Sul. Enquanto alguns municípios alcançam patamares elevados, outros registram números bem abaixo da média estadual.

MAIORES PRODUTIVIDADES (SC/HA):

- Chapadão do Sul – 173,3
- Alcinópolis – 160,0
- Sonora – 152,5
- São Gabriel do Oeste – 147,1
- Brasilândia – 145,8

MENORES PRODUTIVIDADES (SC/HA):

- Ivinhema – 57,8
- Rochedo – 50,7
- Aparecida do Taboado – 35,0
- Nova Andradina – 31,0
- Aquidauana – 19,1

EFEITOS ECONÔMICOS

O avanço da produção de milho em Mato Grosso do Sul eleva as expectativas do mercado, com reflexos positivos para a economia regional e para a competitividade do setor em âmbito nacional.

"O aumento na expectativa da produção, impulsionado pelo ganho de produtividade, projeta impactos positivos sobre a renda agrícola e a rentabilidade dos produtores. Além de fortalecer a capacidade exportadora e ampliar o superávit comercial, a maior oferta consolida o Estado como referência no abastecimento", analisa Jean Américo, economista da Famasul.

Segundo o analista, o bom desempenho atrai novos recursos para o campo. "Esse cenário favorece a atração de investimentos em tecnologia, logística e infraestrutura, reforçando o papel estratégico do milho como vetor de crescimento econômico regional", diz Américo.

Atualmente, 933 propriedades rurais recebem suporte da ATeG Grãos, a Assistência Técnica e Gerencial do Senar/MS. O programa oferece capacitação e acompanhamento especializado aos produtores, focando na implementação de melhores práticas agrícolas para impulsionar a produtividade e a gestão das fazendas.

EXPOINTER 2025 QUEBRA RECORDE DE PÚBLICO COM 960 MIL VISITANTES

A 48ª Expointer entrou para a história ao registrar as maiores marcas de público e de comercialização no pavilhão da agricultura familiar. Realizada no Parque Estadual de Exposições Assis Brasil, em Esteio (RS), a feira superou os números de edições anteriores e se consolidou como um dos principais eventos do calendário do agronegócio nacional.

Os resultados foram apresentados

no domingo (07/09), durante coletiva de imprensa com a presença do secretário de Agricultura, Edilson Brum, e do secretário de Desenvolvimento Rural, Vilson Covatti.

Até as 14h30 do último dia, 960.144 visitantes passaram pelo parque. O resultado representa um aumento de 16,8% em relação ao recorde anterior, estabelecido em 2023, com 822 mil pessoas. Em 2024, o público registrado foi de 662 mil visitantes.

Um dos principais destaques desta edi-

ção foi o Pavilhão da Agricultura Familiar, que alcançou um faturamento de R\$ 13,6 milhões. O volume representa o maior já registrado no segmento, superando em mais de 25% a marca de R\$ 10,8 milhões alcançada em 2024. O espaço contou com 456 empreendimentos expositores.

No setor de animais, a feira também anotou um novo recorde de exemplares inscritos, com 6.696 animais em competições e exposições. Contudo, a comercialização de

animais apresentou uma queda, totalizando R\$ 15,4 milhões em 2025, frente aos R\$ 18,9 milhões negociados no ano anterior.

No balanço geral, o volume de negócios do evento apresentou uma redução de aproximadamente 45% em comparação com a edição de 2024.

A próxima edição da feira já tem data marcada. A Expointer 2026 está programada para ocorrer entre os dias 29 de agosto e 6 de setembro.



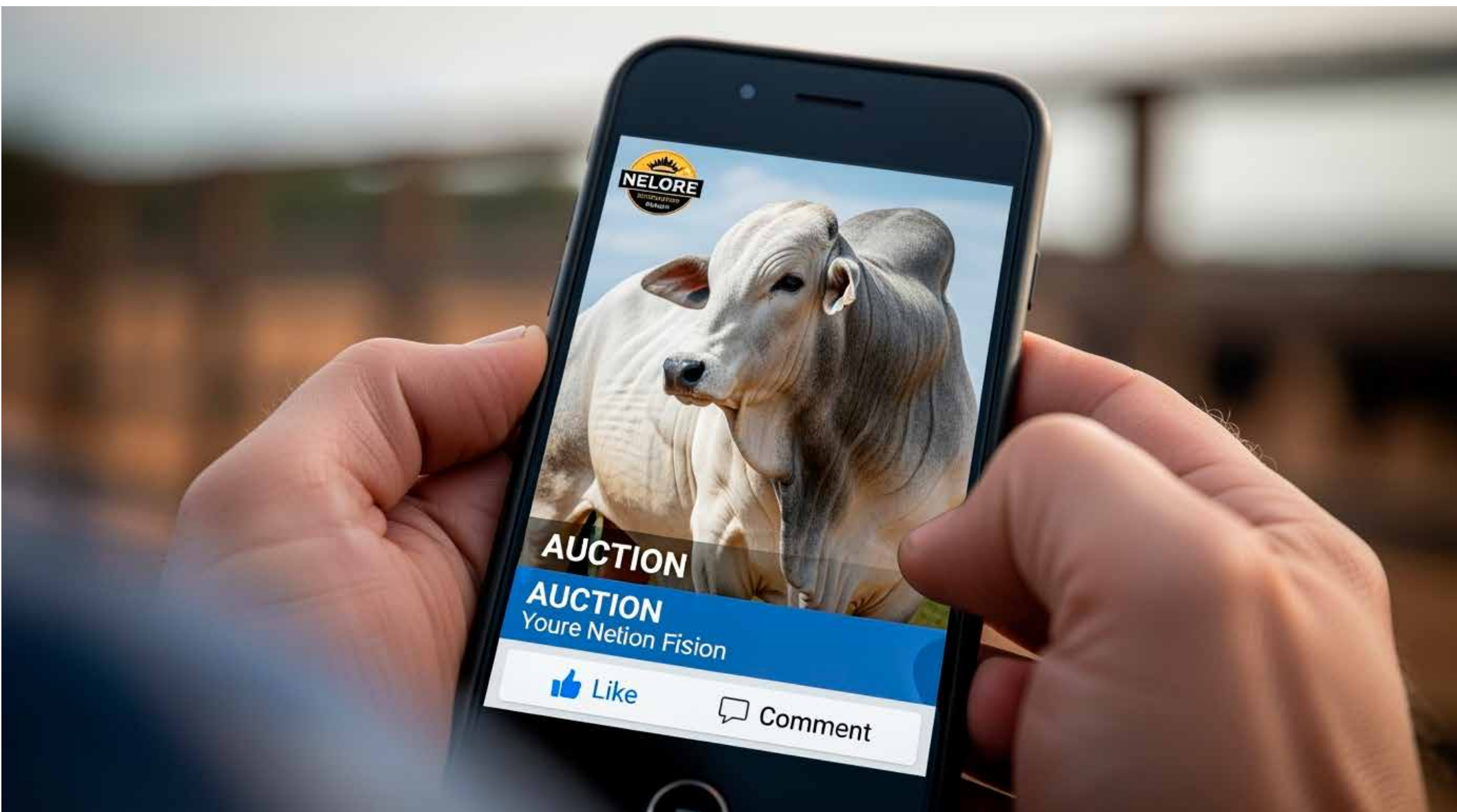
Curta nossa página no Facebook e acompanhe na timeline da Agroyin a evolução do Jornal Agroyin Agronegócios



Sabe o seu Zé, da fazenda vizinha?
Aquele que sempre parece estar um passo à frente?

Imagine o seu Zé. É terça-feira, meio da tarde. Ele pega o celular para dar uma olhada no Instagram, talvez ver o vídeo de um trator novo, e PÁ. Aparece a foto do seu melhor touro, imponente, olhando direto para ele.

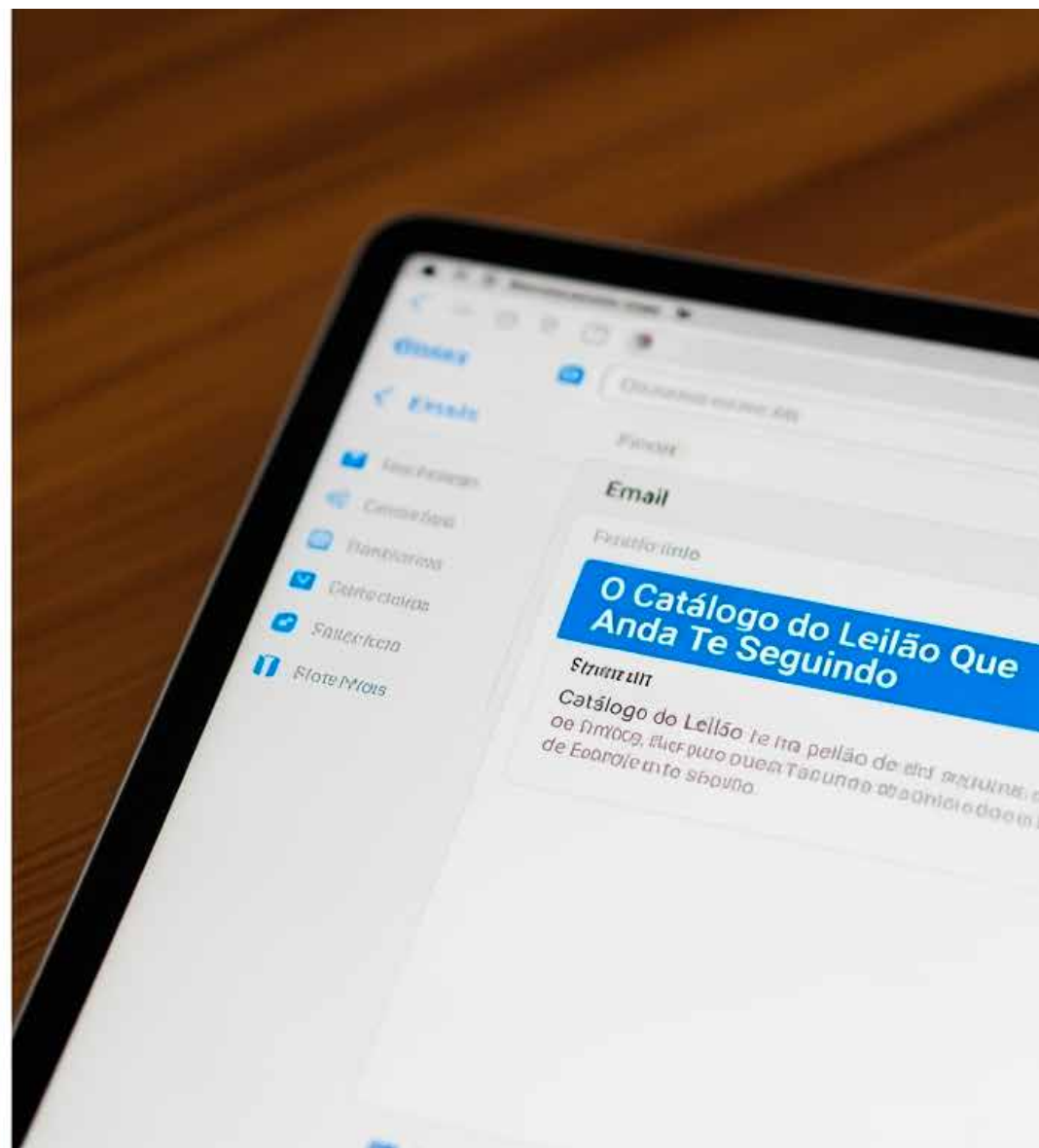
PRÓXIMO >>



Ele acha interessante, mas ignora. Mais tarde, ele abre o Facebook para ver as notícias da cooperativa. E quem está lá, de novo?

O seu leilão. Com a data, o horário e aquele mesmo touro encarando a alma dele.

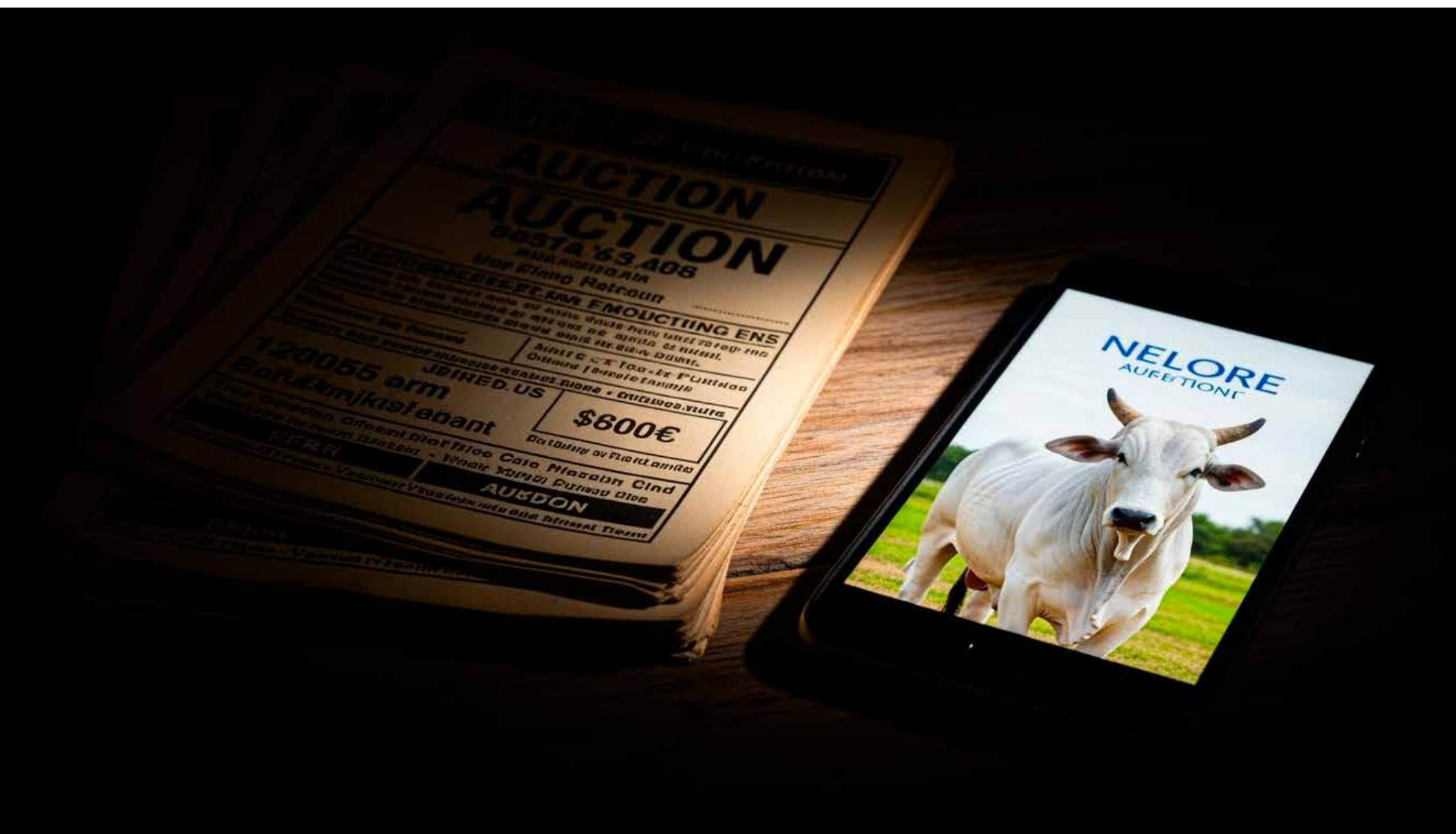
PRÓXIMO >>



Já um pouco irritado, ele decide esquecer isso e vai para o YouTube assistir a um vídeo sobre silagem. O anúncio antes do vídeo? Sim. Três dos seus lotes de destaque passando na tela.

No dia seguinte, ele abre a caixa de entrada para checar um email do banco. E lá está: ***“O Catálogo do Leilão Que Anda Te Seguindo”***.

PRÓXIMO >>



Nesse ponto, o seu Zé não está mais irritado. Ele está impressionado. Ele pensa: ***“Esse sujeito não está brincando em serviço. O leilão dele vai bombar!”***

A verdade é que um leilão é um jogo de atenção. Você pode espalhar uns panfletos na cidade e contar com a sorte.

Funciona. Às vezes.

Ou você pode se tornar uma obsessão.

PRÓXIMO >>



Chama no Zap
que eu te explico
tudo!



Isso não é feitiçaria. É a diferença entre esperar que as pessoas venham até você e levar o seu leilão até a porta da casa delas – e entrar sem pedir licença.

Isso é ***Gestão de Tráfego + Agroin Email Marketing.***

Enquanto seu concorrente conta com a sorte, o seu leilão se torna o assunto principal.

Chama no zap que eu te explico tudo!

[>> 67 99974-6911 <<](https://api.whatsapp.com/send?phone=67999746911)

UNIÃO EUROPEIA RECONHECE BRASIL COMO LIVRE DE GRIPE AVIÁRIA E LIBERA EXPORTAÇÃO

A União Europeia reconheceu o Brasil como país livre de gripe aviária, permitindo a retomada das exportações de carne de frango para o bloco, anunciou o comissário Olivér Várhelyi.

Foto: Máté Menyhárt / Pixabay



A União Europeia (UE) reconheceu oficialmente o Brasil como país livre de gripe aviária. A decisão permite a retomada das exportações de carne de frango aos Estados-membros, suspensas após a detecção de um foco de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) em maio.

A comunicação foi feita pelo comissário de Saúde e Bem-Estar Animal da UE, Olivér Várhelyi, durante uma reunião por videoconferência com os ministros da Agricultura e Pecuária, Carlos Fávaro, e da Pesca e Aquicultura, André de Paula, no último dia 4.

Fávaro lembrou que já havia se reunido com o comissário em julho para tratar do tema. “Faz aproximadamente 60 dias que estivemos reunidos para discutir o reconhecimento pela União Europeia do status do Brasil como livre de gripe aviária”, pontuou o ministro. O ministro da Agricultura destacou que, em abril de 2024, uma auditoria da Direção-Geral de Saúde e Segurança Alimentar da UE já havia avaliado o sistema sanitário brasileiro. “A auditoria concluiu que o sistema sanitário brasileiro é robusto e transparente”, disse Fávaro.

O comissário europeu explicou que

a decisão foi tomada com base em novas informações enviadas pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) após o encontro de julho, que permitiram confirmar a segurança sanitária do país.

“Ministro Fávaro, tenho boas notícias: nossa avaliação é de que os dados fornecidos pelo seu ministério são suficientes para reconhecer que o Brasil está livre da influenza aviária”, afirmou Várhelyi durante o encontro virtual.

“Na prática, isso significa que avançaremos junto aos Estados-membros para propor o levantamento gradual das proibi-

ções e restrições às exportações brasileiras, restabelecendo progressivamente todas as áreas previamente habilitadas”, detalhou o comissário.

Após o anúncio, Fávaro defendeu a necessidade de avançar em novas etapas para ampliar o comércio bilateral. O ministro solicitou a retomada do mecanismo de pre-listing, que dispensa auditorias individuais para que novas empresas brasileiras possam exportar à UE.

Ele também pediu o fim do controle reforçado, um regime europeu que impõe inspeções sanitárias mais rigorosas aos produtos do país. “Agora que o status sanitário foi reconhecido, o próximo passo é a retomada do pre-listing e a retirada do controle reforçado. Essas medidas tornarão o comércio mais ágil e eficiente”, afirmou Fávaro.

Várhelyi garantiu que a questão será tratada com prioridade. “Do nosso lado, vamos agir o mais rápido possível. Espero que, dentro de algumas semanas, possamos apresentar o resultado da votação. Confio que os Estados-membros sejam favoráveis, já que o Brasil cumpriu todas as exigências”, declarou.

Na mesma reunião, o ministro André de Paula solicitou ao comissário o envio de uma missão de auditoria da UE para vistoriar plantas frigoríficas de pescado no Brasil. O objetivo é habilitar estabelecimentos para a retomada das exportações do setor ao mercado europeu.

CENTRAIS DE SÊMEN



VISITA A ABS, GENEX E ALTA GENETICS

VÍDEO YOUTUBE:

Você sabe como funciona uma Central de Inseminação? Então confira neste vídeo as 3 maiores centrais de coleta de sêmen do Brasil: ABS, Alta Genetics e Genex.

GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA SUSTENTA DEMANDA POR SOJA BRASILEIRA

As exportações brasileiras de soja devem seguir firmes no segundo semestre, aponta o Rabobank. O milho, em contrapartida, enfrenta forte concorrência internacional.

Dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) mostram que as exportações brasileiras de soja totalizaram 77 milhões de toneladas de janeiro a julho deste ano. O volume representa uma alta de 2% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Em análise sobre o setor, o Rabobank projeta que, apesar do crescimento discreto até o momento, o Brasil deve encerrar a temporada 2024/25 com um volume de exportação de 110 milhões de toneladas.

“Esse volume indica que o Brasil seguirá atuando de forma relevante no mercado internacional ao longo do segundo semestre — período tradicionalmente dominado pelas exportações dos EUA com destino à China”, destacou o banco em relatório.

Segundo a instituição, o ritmo aquecido dos embarques tem influenciado diretamente os prêmios nos portos brasileiros. Esses prêmios desempenham um papel importante na sustentação dos preços

internos da oleaginosa.

CENÁRIO DE PREÇOS

Em agosto, as cotações da soja no mercado doméstico ficaram praticamente estáveis em comparação ao mesmo mês de 2024. A estabilidade ocorreu mesmo diante de fundamentos que poderiam pressionar os valores para baixo, como a safra recorde colhida no Brasil e a recomposição dos estoques globais.

“A persistência da guerra tarifária entre Estados Unidos e China — combinada à ausência de compras chinesas da soja estadunidense — tem mantido a demanda aquecida pelo produto brasileiro, ao menos até meados de outubro de 2025”, informa o relatório.

SAFRA 2025/26 E MILHO

Para a safra de soja 2025/26, cujo plantio se inicia, o Rabobank estima uma expansão limitada de 1,5% na área plantada, abaixo da média histórica de 3,5%. O estreitamento das margens, juros elevados e incertezas geopolíticas são apontados como motivos. A produção brasileira é estimada em 175



milhões de toneladas.

No mercado de milho, o relatório aponta que a forte concorrência com o grão dos EUA tem limitado as vendas externas do Brasil, que acumulam queda de 25% no ano. A competitividade pode ser ainda mais afetada pelo avanço da colheita norte-americana e pela recente redução do imposto de exportação na Argentina.

Enquanto os preços internacionais do milho caíram, o mercado interno brasileiro mostrou estabilidade. A demanda aquecida das usinas de etanol de milho contribuiu para sustentar as cotações domésticas. O consumo do cereal para este fim alcançou 14,5 milhões de toneladas nos primeiros oito meses de 2025, um aumento de 18% ante o mesmo período do ano anterior.

AGROPECUÁRIA AVANÇA 10,1% E IMPULSIONA PIB BRASILEIRO NO 2º TRIMESTRE

A agropecuária brasileira registrou crescimento de 10,1% no segundo trimestre de 2025, impulsionando o resultado do PIB nacional, segundo o IBGE.

A agropecuária brasileira demonstrou sua força ao registrar uma expansão de 10,1% no segundo trimestre de 2025, em comparação com o mesmo período do ano anterior. O desempenho do setor foi um dos principais motores para o crescimento de 2,2% do Produto Interno Bruto (PIB) do país, conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O resultado reflete o avanço contínuo do

campo, que se destaca frente aos demais setores da economia. A performance positiva foi comentada pelo ministro da Agricultura e Pecuária, Carlos Fávaro. “O resultado do PIB evidencia a força do agro que impulsiona o Brasil”, destacou o ministro. “Trata-se de um setor que investe, cresce e confia no produtor rural brasileiro. Seguiremos trabalhando para gerar cada vez mais resultados e abrir novas oportunidades”.

O avanço do setor agropecuário está diretamente ligado ao bom desempenho de

produtos estratégicos da lavoura. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), também do IBGE, aponta para safras com volumes expressivos e ganhos de produtividade no período.

Entre as culturas, o milho se destaca com uma estimativa de crescimento de 19,9% na produção anual. A soja, principal commodity do agronegócio nacional, apresenta uma alta de 14,2%, enquanto a produção de arroz registra um aumento de 17,7%.

Completam a lista de destaques positivos o algodão, com avanço de 7,1% na estimativa de produção, e o café, que aponta um crescimento de 0,8% no comparativo com a safra anterior.

Ao analisar o acumulado do primeiro

semestre de 2025, o PIB nacional cresceu 2,5% em relação a igual período de 2024. Neste cenário, a agropecuária manteve a liderança com 10,1% de expansão, seguida pela Indústria, com 1,7%, e pelo setor de Serviços, que cresceu 2,0%.

O PIB acumulado nos quatro trimestres encerrados em junho de 2025 cresceu 3,2% em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores. Esta taxa resultou das altas de 3,0% no Valor Adicionado a preços básicos e de 4,2% nos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios. O resultado do Valor Adicionado nesta comparação decorreu dos seguintes desempenhos: Agropecuária (5,8%), Indústria (2,4%) e Serviços (2,9%).

NOVA LEI CRIA SELO “PANTANAL SUSTENTÁVEL” E VALORIZA PRODUÇÃO

A Câmara dos Deputados aprovou o Estatuto do Pantanal, que cria regras para o uso sustentável do bioma e garante segurança jurídica aos produtores rurais.

A Câmara dos Deputados aprovou o Estatuto do Pantanal, uma legislação que estabelece diretrizes para a conservação, proteção, restauração e exploração sustentável do bioma. Para a Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul), a medida representa um avanço ao oferecer segurança jurídica para quem vive e produz na região.

O texto reconhece as particularidades do Pantanal e valoriza práticas de produção adotadas há décadas pelos produtores. A nova lei cria um regramento específico



para o bioma, permitindo o manejo controlado do fogo, estimulando o ecoturismo e prevendo o pagamento por serviços ambientais.

“Agradeço à área de Relações Institucionais da CNA, que trabalhou muito para que essa aprovação fosse possível. Ao relator

deputado Dagoberto Nogueira que nos ouviu”, afirmou Marcelo Bertoni, presidente da Famasul. Ele destacou o trabalho conjunto entre parlamentares de diferentes propostas que foram unificadas no texto final.

HARMONIZAÇÃO E SELO DE SUSTENTABILIDADE - Um dos pontos

centrais da nova legislação é a harmonização com as leis estaduais de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Com o Estatuto, passam a existir regras claras e adequadas ao bioma, o que gera mais previsibilidade para quem produz de maneira sustentável.

A lei também institui o selo “Pantanal Sustentável”. A certificação poderá ser usada por propriedades e serviços que comprovem a adoção de boas práticas ambientais. A iniciativa busca fortalecer a competitividade de produtos como a carne e serviços como o turismo, conectando o consumidor a uma produção que conserva.

DESENVOLVIMENTO E CONSERVAÇÃO - O Estatuto abre caminho para o fortalecimento do ecoturismo e da preservação da fauna e flora. Estímulos à diversificação econômica permitirão que atividades tradicionais, como a pecuária e o artesanato, coexistam com novas oportunidades de geração de renda.

Para financiar as medidas, a lei prevê o uso de recursos do Fundo Nacional de Meio Ambiente, além de doações públicas e privadas. Para a Famasul, o texto aprovado equilibra conservação ambiental e desenvolvimento econômico, sendo fruto de um longo processo de diálogo e articulação do setor produtivo.

FAZENDA COLORADO

MAIOR PRODUTORA DE LEITE DO BRASIL; 100.000 LITROS/DIA

VÍDEO YOUTUBE:
Confira como foi nossa visita a FAZENDA COLORADO e conheça seu sistema de produção em VÍDEO!!!

ROTA BIOCEÂNICA GANHA FORÇA NA EXPORTAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL

As exportações de Mato Grosso do Sul somaram US\$ 7,24 bilhões até agosto, alta de 3,26%, impulsionadas pela carne bovina, que cresceu 43,7% no ano.

Asexportações de Mato Grosso do Sul alcançaram US\$ 7,24 bilhões entre janeiro e agosto de 2025, um crescimento de 3,26% em relação ao mesmo período do ano anterior. Os dados, da Carta de Conjuntura do Comércio Exterior da Semadesc, mostram um saldo de US\$ 5,53 bilhões na balança comercial, volume 8,4% superior ao registrado em 2024.

A celulose representa a maior fatia da pauta, com 29,9% de participação. Em seguida, aparecem a soja em grão, com 27,2% do total, e a carne bovina fresca, que responde por 15,07% do volume embarcado.

O desempenho da proteína bovina chama a atenção. No acumulado de 2025, o setor registrou um avanço de 43,7% em receita frente a 2024. O resultado demonstra a capacidade dos frigoríficos do estado em ampliar mercados e diversificar os destinos de seus produtos.

CHINA SE CONSOLIDA COMO

PRINCIPAL DESTINO - Apenas em agosto, a China adquiriu US\$ 91 milhões em carne bovina de Mato Grosso do Sul, confirmando sua posição como principal comprador. O Chile importou US\$ 16,4 milhões e o México, US\$ 11,8 milhões. Mercados como Israel, Turquia, Filipinas e Itália também mantiveram presença expressiva na lista de compradores.

A tarifa de 50% aplicada pelos Estados Unidos sobre produtos brasileiros gerou reflexos. Em agosto, as vendas para o mercado norte-americano recuaram 61% ante o mesmo mês de 2024. A carne bovina teve queda de 46% e a celulose, de 92%. Mesmo assim, o setor frigorífico redirecionou sua produção e manteve o crescimento no acumulado.

O secretário Jaime Verruck, da Semadesc, aponta que os números confirmam o dinamismo do setor exportador. "Mesmo em um cenário de incertezas no comércio internacional, Mato Grosso do Sul conse-



guiu expandir suas vendas externas, com destaque para a carne bovina e para a diversificação de destinos", afirmou.

OUTROS PRODUTOS E LOGÍSTICA - Outros itens da pauta também apresentaram crescimento, como o minério de ferro, com alta de 32,8%. A categoria de resíduos vegetais, sucata e desperdícios registrou uma variação de 806% em valores exportados. Nas importações, o estado teve retração de 10,79%,

totalizando US\$ 1,66 bilhão.

O Porto de Santos (SP) foi a principal via de escoamento, responsável por 39,2% das exportações, seguido por Paranaguá (PR), com 32,6%. Os terminais da Rota Bioceânica em Corumbá e Porto Murtinho registraram aumento na movimentação. Por Corumbá, foram exportadas 6.255,9 toneladas até agosto, avanço de 58,16%. Porto Murtinho teve alta de 162%, com 370,1 toneladas.

QUEIJO ARTESANAL



SAIBA COMO FUNCIONA UMA QUEIJARIA ARTESANAL

VÍDEO YOUTUBE:

Ela era gerente de pós venda em duas concessionárias, simultaneamente em Campo Grande no MS, e mudou radicalmente de profissão para reviver diariamente a infância dos finais de semana passados com a sua avó Zilda, na fabricação de queijos no sítio da família.

BIOTROP ESTÁ ENTRE AS EMPRESAS MAIS INOVADORAS DO BRASIL, SEGUNDO O RANKING VALOR INOVAÇÃO

Companhia é destaque no agronegócio e se posicionou na 88ª posição no ranking geral

Líder em soluções biológicas e naturais para a agricultura, a Biotrop se posicionou na 7ª posição entre as empresas mais inovadoras do agronegócio no Brasil, de acordo com o Ranking Valor Inovação, produzido pelo jornal Valor Econômico, um dos principais veículos de imprensa especializada em economia do país. No ranking geral, que avalia empresas de diversos setores, a companhia figura na 88ª posição.

“Esse reconhecimento é recebido com muito orgulho por toda a companhia, é uma conquista de todos, sem exceções. Nossa essência, puramente biológica e natural, tem sido recompensada e nos motiva a seguir fazendo história. Uma empresa jovem, com pouco mais de 7 anos, estar entre as 100 mais inovadoras do Brasil é o prêmio pelo cuidado e responsabilidade que dedicamos à agricultura através de nossas tecnologias”, comemora Douglas Gomes, diretor de

Pesquisa e Inovação da BIOTROP.

Diversos fatores contribuem para a trajetória de destaque da Biotrop em inovação: o investimento contínuo em pesquisa e desenvolvimento, a atuação de um time altamente especializado, as parcerias estratégicas e uma visão de futuro que orienta a companhia. Seu portfólio, em constante expansão, reúne tecnologias sustentáveis que estão transformando a forma de produzir no campo, elevando a eficiência e reforçando a responsabilidade ambiental.

“Nosso compromisso é fortalecer o agronegócio com bioinsumos de qualidade, estabilidade e biossegurança, gerando claro retorno sobre o investimento”, explica Gomes.

A Biotrop encara a inovação como um mecanismo de retroalimentação, pois o investimento feito nesse campo gera resultados superiores ao mercado, possibilitando o crescente investimento em inovação. “Quanto mais crescemos fun-



Foto: Divulgação

damentados em novas soluções, maiores são os investimentos no desenvolvimento e aprimoramento do nosso portfólio”, completa Douglas.

A liderança da Biotrop em inovação é chancelada por outros reconhecimentos. Em maio deste ano, a companhia foi listada pelo Radar Tecnológico INPI como a empre-

sa brasileira que mais depositou patentes de tecnologias para a agricultura sustentável no Brasil, com cinco patentes verdes vigentes. No setor agrícola, é a empresa com o maior número de inovações registradas junto ao Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) nos últimos 3 anos, posicionando-se como uma grande força motriz de desenvolvimento para a agricultura moderna e sustentável.

Organizado pelo jornal Valor Econômico, o Ranking Valor Inovação destaca iniciativas, investimentos e exemplos práticos de empresas de 25 setores, incluindo o agronegócio. “Estar entre as 100 empresas mais inovadoras do Brasil nos faz acreditar que estamos no caminho certo e que nosso crescimento é saudável, assim como os nossos bioinsumos, que promovem a sustentabilidade e rentabilidade do agronegócio”, finaliza o diretor.

VÍDEO YOUTUBE:
Visitamos o BioOracle, centro de pesquisas da Biotrop. Saiba como são desenvolvidos e produzidos os Biológicos!



MANEJO EM PÓS-EMERGÊNCIA É ARMA CONTRA A VASSOURINHA-DE-BOTÃO

Pesquisadoras da Embrapa e universidades detalham estratégias para controlar a vassourinha-de-botão, planta daninha que afeta lavouras de soja e milho.

A vassourinha-de-botão (*Borreria spinosa*) tem se disseminado por lavouras em Mato Grosso e na região do Matopiba, tornando-se um problema para os produtores de soja e milho. Uma pesquisa desenvolvida pela Embrapa Agrossilvipastoril e outras instituições de Mato Grosso apresenta recomendações de manejo para a espécie.

As características biológicas da planta dificultam seu controle. Com uma raiz em forma de tubérculo lenhoso, ela armazena



É muito comum observar plantas de vassourinha-de-botão em beira de estradas e em margens das lavouras

água e nutrientes, o que lhe permite sobreviver ao período de seca e rebrotar com as primeiras chuvas. A falta de controle permite a formação de sementes, que são facilmente dispersadas pelas máquinas agrícolas.

ESTRATÉGIAS DE CONTROLE

O manejo deve integrar diferentes táticas. “*B. spinosa* é uma espécie de difícil

controle, principalmente quando se torna adulta, por isso, o controle deve se iniciar logo que se observam plantas nas beiras de estradas e talhões”, explica a pesquisadora da Embrapa, Fernanda Ikeda.

Ela recomenda o manejo em pós-emergência de plantas adultas, especialmente quando a infestação está localizada nas

bordas da lavoura. Essa prática, embora não seja comum, é indicada devido às características da invasora. A rotação de mecanismos de ação de herbicidas e o controle cultural, como o consórcio de milho com braquiária, também são parte da estratégia.

DIFICULDADE NA IDENTIFICAÇÃO - Um dos maiores desafios no campo é a identificação correta da espécie. A vassourinha-de-botão é frequentemente confundida com a *Borreria verticillata* e outras plantas da mesma família. Essa semelhança pode levar a erros no manejo e a resultados de pesquisa controversos.

No estudo, a identificação foi confirmada pela taxonomista Laila Mabel Miguel, da Universidad Nacional del Nordeste, na Argentina. A especialista no gênero justificou, por meio de características distintivas, que os exemplares coletados eram de *Borreria spinosa*.

Essa dificuldade de identificação pode ter levado a registros de herbicidas para *Borreria verticillata* baseados em testes realizados, na verdade, com *Borreria spinosa*. Uma publicação gratuita da Embrapa detalha os cenários e as recomendações de herbicidas. Atualmente, não existem produtos registrados no Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) para o controle específico da *B. spinosa*.

O QUE SÃO DEFENSIVOS BIOLÓGICOS

VÍDEO YOUTUBE:
E depois de várias mensagens no instagran da @agroin_comunic, resolvemos fazer um vídeo mais detalhado sobre os biológicos. Ele não anula o vídeo da visita que fizemos a Biotrop, mas sim é um complemento dele.

TEM PEIXE NA VILA: APTA REGIONAL LEVA AO EVENTO PESQUISAS COM RÃ-TOURO

Rã-touro alia produção de carne e pesquisas ambientais na Apta Regional de Pindamonhangaba

Você sabia que a rã-touro pode ajudar a monitorar a poluição ambiental e ainda produzir uma carne de alta qualidade? Essas e outras descobertas da Apta Regional estarão em destaque no evento “Tem Peixe na Vila”, que também vai apresentar pesquisas em piscicultura. A 3ª edição do evento ocorrerá no próximo fim de semana, dias 6 e 7 de setembro, das 11h às 21h, na sede do Instituto de Pesca (IP-Apta), localizada na Vila Mariana, capital paulista.

A Apta Regional, vinculada à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, vem trabalhando com a rã-touro, que está se consolidando não apenas como alternativa de produção de carne de alta qualidade nutricional, mas também como importante aliada em pesquisas ambientais.

Segundo a pesquisadora da Apta Regional de Pindamonhangaba zootecnista Adriana Sacioto Marcantonio, doutora em Aquicultura, a rã-touro, única espécie cultivada em cativeiro no Brasil para fins comerciais, reúne vantagens que despertam o interesse de produtores, como crescimento rápido, alta taxa de reprodução,



Foto: Divulgação
Superintendente regional do Banco do Brasil, Omar de Vasconcelos

facilidade de manejo e carne de elevado valor nutricional, com baixo teor de gordura e alta digestibilidade. Esses atributos conferem grande potencial de expansão à rã-touro no país.

A contribuição da espécie vai além da produção de alimentos. No Ranário Experimental da Apta Regional de Pindamonhangaba, girinos e embriões da rã-touro são utilizados em estudos como bioindicadores de poluição ambiental. As pesquisas investigam os efeitos de agrotó-

xicos, metais pesados e outras substâncias, oferecendo subsídios importantes para o monitoramento da qualidade ambiental. Além disso, os trabalhos desenvolvidos na unidade geram excedentes que podem ser comercializados, como girinos, rãs jovens, adultas e reprodutores (mais informações podem ser obtidas pelo e-mail adriana.marcantonio@sp.gov.br).

A Apta Regional também abordará temas voltados à piscicultura, destacando as pesquisas realizadas com peixes, como o

lambari-do-rabo-amarelo, peixes redondos (pacu, tambaqui e tambacu) e a tilápia-do-tilo. Os estudos envolvem manejo produtivo, reprodutivo, melhoramento, alimentação e qualidade da água.

Durante o evento, a pesquisadora da Apta Regional de Pariqueira-Açu zootecnista Camila Fernandes Corrêa, doutora em Aquicultura, levará ao público exposições didáticas sobre a área, incluindo amostras de fitoplâncton, zooplâncton, rações e ingredientes que compõem a alimentação dos peixes, demonstrando as fases desde a larva até o peixe adulto. O tema qualidade da água também será apresentado com o auxílio de equipamentos utilizados na piscicultura.

Segundo o pesquisador da Apta Regional de Pariqueira-Açu Erval Rafael Damatto Jr., a Instituição apresentará um prato típico de rã empanada com aligot de mandioca IAC 28 Bruta e molho de tomates assados. “Com certeza o público irá apreciar essa experiência gastronômica”, destaca.

O evento tem se consolidado como um espaço de integração entre ciência, cultura alimentar e sustentabilidade, trazendo famílias e consumidores para conhecerem de perto a cadeia do pescado em um contexto educativo e festivo. “Com essa visão, a Apta Regional reforça seu papel em conectar a pesquisa científica ao desenvolvimento da produção animal e à preservação ambiental, aproximando conhecimento e sociedade”, destaca Keila Roncato Duarte, diretora substituta da Apta Regional.

O EVENTO “TEM PEIXE NA VILA”

O Tem Peixe na Vila, também conhecido como a “Festa do Pescado de São Paulo”, é uma iniciativa do Instituto de Pesca (IP-Apta), órgão vinculado à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, que se consolidou como uma celebração anual da cultura do pescado e da aquicultura. O evento apoia a Semana do Pescado, que em 2025 chega à sua 22ª edição, ocorrendo entre os dias 1º e 15 de setembro. A campanha visa promover o consumo de pescado e fortalecer a cadeia produtiva.

Serviço

FESTA TEM PEIXE NA VILA

Local: Instituto de Pesca – Av. Conselheiro Rodrigues Alves, 1252 – Vila Mariana – São Paulo/SP

Datas: 6 e 7 de setembro

Horário: 11h às 21h

Entrada: 1kg de alimento não perecível.

www.tempeixenavila.com.br



SE INSCREVA
EM NOSSO
CANAL NO
YOUTUBE
CLIQUE AQUI!!!